

SÍMILE EM DONA GUIDINHA DO POÇO, DE OLIVEIRA PAIVA

César Henrique Vaz Ângelo¹

RESUMO: Este artigo aborda a símile na literatura. Para isso, analisamos o romance **Dona Guidinha do Poço**, do escritor cearense Oliveira Paiva. No Início, falamos sobre a obra e o autor, dando maior destaque aos quatro principais personagens: Guida, Quiquim, Secundino e Eulália. Posteriormente, falamos sobre o conceito de símile e analisamos cinco capítulos do romance, destacando os trechos em que se encontram exemplos de símile, cada um pertencente a um livro em que o romance foi dividido. Fauna e flora são recursos bastante explorados por Paiva. Por isso, demos atenção especial também às analogias envolvendo animais típicos da região semiárida.

Palavras – chave: Símile. Comparação. Regionalismo.

ABSTRACT: This article discusses the simile in the literature. For this, we analyze the novel *Dona Guidinha Pit*, Ceará Oliveira Paiva writer. The Home, talked about the work and the author, giving greater prominence to the four main characters: Guida, Quiquim, Secundino and Eulalia. Later, we talked about the concept of simile and analyzed five chapters of the novel, highlighting the passages where they are simile examples, each belonging to a book in which the novel was divided. Fauna and flora resources are quite exploited by Paiva. So, we gave special attention also to zoônimos, in which the author uses animals in building their similes and metaphors throughout history.

Key - words: Simile. Comparison. Oliveira Paiva.

1 INTRODUÇÃO

Grande obra da literatura cearense, *Dona Guidinha do Poço* é uma fonte inesgotável de estudos e análises importantes para maior compreensão da literatura brasileira. Aqui, focaremos na área da estilística, tratando a respeito de símile na obra, destacando, para isso, cinco capítulos do romance.

O artigo apresentado busca mostrar a importância da símile como recurso literário e as particularidades que ela atribui a uma obra. Para alcançar tal objetivo, foi feita uma pesquisa bibliográfica em que se utilizou como base a obra ***Dona Guidinha do Poço***,

¹ Acadêmico do curso de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

como forma de aprofundar os argumentos surgidos a partir da leitura do romance, buscamos apoio em dissertações de mestrado, para obtermos informações sobre o romance, e nos dicionários Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa e Michaelis para conseguirmos os conceitos de *símile* e outros termos explorados no decorrer deste trabalho.

Este artigo apresenta duas seções, a primeira chamada: **SOBRE A OBRA**, em que trataremos algumas informações sobre o romance, temática, principais personagens, ambiente onde transcorre a história; e também sobre o autor.

Na segunda seção: **A COMPARAÇÃO COMO ELEMENTO DE ENRIQUECIMENTO LITERÁRIO EM DONA GUIDINHA DO POÇO**, faremos uma análise das *símiles* presentes em cinco capítulos da obra: I capítulo do livro primeiro, II capítulo do livro segundo, IV capítulo do livro terceiro, III capítulo do livro quarto e VII capítulo do livro quinto.

Este artigo, portanto, pretende analisar a obra **Dona Guidinha do Poço** com a atenção voltada para a *símile* como recurso estilístico utilizado pelo autor para enriquecer sua obra.

2 SOBRE A OBRA

Dona Guidinha do Poço, romance do autor cearense Oliveira Paiva (1861- 1892) é hoje, incontestavelmente, um dos grandes romances da literatura brasileira. A história se passa em Quixeramobim no Ceará, e tem como personagem principal a poderosa fazendeira Margarida Reginaldo de Sousa Barros, a Dona Guidinha, dona de várias fazendas e imóveis herdados de seu avô Reginaldo Venceslau de Oliveira. Casa-se com Joaquim Damião de Barros (o Quinquim), pernambucano, homem corpulento e submisso à esposa, que fixou morada no Ceará. Fechando o quadro de personagens centrais da trama surge Luis Secundino de Sousa Barros, sobrinho de Quinquim, por quem Guidinha posteriormente se apaixonará e que aparece no Poço da Moita após fugir de Pernambuco acusado de cúmplice no assassinato do padrasto. E Eulália (a Lalinha) que terá um romance com Secundino formando um triângulo amoroso. Esses quatro darão fluxo aos acontecimentos mais importantes da trama.

Quanto ao autor, Oliveira Paiva, nasceu em Fortaleza em 12 de julho de 1861, e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1892. Morou durante um tempo no Rio de Janeiro onde se matriculou na Escola Militar. Neste período contraiu tuberculose pulmonar, o que o obrigou a abandonar os estudos e retornar para o Ceará. Aqui se deparou com lutas abolicionistas que o empolgaram. Em 1884 voltou suas atenções para a literatura, sendo um

dos fundadores do clube literário em 1886. Seu grande romance é **Dona Guidinha do Poço**. Para escrevê-lo, buscou inspiração em um acontecimento real de Quixeramobim em 1853. No entanto, não conseguiu publicá-lo em vida. Os originais do romance, após a morte de Paiva, andaram de mão em mão até chegar ao poder de Lúcia Miguel Pereira que promoveu sua publicação. Paiva é patrono da Academia cearense de Letras da Cadeira nº 25.

3 SÍMILE COMO ELEMENTO DE ENRIQUECIMENTO LITERÁRIO

Antes de iniciarmos as análises dos fragmentos da obra de Oliveira Paiva vale lembrar o conceito de símile.

1.Gram. Figura que consiste na comparação entre coisas semelhantes por meio da palavra *como* ou outra equivalente. 2. Comparação de coisas similares. **A2g** 3. Análogo, semelhante. [F.: Do lat. *similis*, e.] (CALDAS, 2011, p. 801).

No capítulo I do livro primeiro, o narrador nos expõe as primeiras características da heroína da história e revela como ela adquiriu sua fortuna, fazendo inclusive um inventário dos bens da família de Margarida. Reserva também algumas linhas para descrever Joaquim, o Quinquim. Separamos aqui o seguinte trecho que remete a este personagem, “Tinha o preto-do-olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru.” (DGP, 1997, p. 9) Notamos neste fragmento uma símile da cor do olho de Quinquim com a coloração de um verme. Tapuru, segundo o Dicionário Michaelis (2011) é o mesmo que taperu e significa “**sm (tupi taperú) Reg** (Norte) Larva de certos insetos produtores de bicheira nos animais.

Ainda no capítulo I do livro primeiro, separamos dois trechos referentes à Dona Guidinha: “Podia o cavaleiro largar toda a brida, que ela, segurando-o de leve seguia assentada no cavalo com destreza e calma de vaqueiro.” (DGP, 1997, p. 14). A habilidade em montaria da personagem é ressaltada pelo narrador que a compara aos cavaleiros. “Nadava de braças como os homens [...]” (DGP, 1997, p.14). Há aqui outra menção a personalidade forte de Guida em que o narrador a desenha com características ligeiramente masculinas.

No fragmento seguinte o narrador não se dirige à Guidinha em particular, e sim a todas as mulheres “[...] é certo que o começo do tirano amor é sempre de umas exterioridadezinhas, pontinhas de dotes profundos, que, em faltando, a mulher parece antes um homem, ou antes um animal sem sexo”. (DGP, 1997, p. 15). Lembramos que **Dona**

Guidinha do Poço foi escrito no período em que reinavam obras Naturalistas e que, mesmo não se encaixando por completo neste grupo, o romance de Paiva não foge totalmente da influência exercida nessa época. Descrições cruas, agressivas de personagens são comuns neste estilo, inclusive comparando-os a animais irracionais.

O capítulo II do livro segundo, trata da aproximação entre Eulália e Secundino. Este resolve passar três dias na casa de Guidinha, e aquela também se encontra no Poço da Moita. Observemos o seguinte fragmento:

Nada mais, nada menos, o Secundino passou três dias no Poço da Moita. Num deles, à hora em que os pássaros recolhem às grandes árvores com os cantos de que usam alegrar-se nas menores insignificâncias da vida, soou na caatinga um grito de acauã, um piado grosso, angustiado, aflitivo como o de uma rã no dente da cobra. (DGP, 1997, p. 67).

O som do pássaro representa o mau agouro entre os personagens e é utilizado pelo narrador como uma espécie de presságio para a tragédia que acontecerá posteriormente envolvendo o triângulo amoroso Guidinha, Quinquim e Secundino. “[...] ã, ã, ã, cauã, ã... Lalinha sentia com aquilo um arrepio íntimo, um vexame, uma gastura como ao conhecido *Jesus! Jesus!*” (DGP, 1997, p.67). Este trecho tem início com uma onomatopeia referente ao som da ave. O medo da personagem Lalinha pode ser tomado como uma premonição com um misto de religiosidade e crença popular. O canto da ave une-se a paisagem soturna e surge em seguida mais uma comparação, “[...] o interminável piado enlutava a paisagem toda, comunicante, contagioso como o assobio da cigarra quando retine pela fulva incandescência estival da caatinga, impertinente, atordoante, que está ferrado no sono ao pouso do meio-dia.” (DGP, 1997, p. 67). O canto do pássaro é novamente associado a algo obscuro e negativo, formando um clima sombrio e incômodo.

Em diálogo com Guida, Lalinha revela que Secundino irá pedi-la em casamento, e mesmo com as ironias da anfitriã, Eulália continua feliz ao pensar na possibilidade de casar com o sobrinho de Quinquim. “[...] continuava a menina como a rola que alegremente se atira ao deslumbramento de um muro branco onde encontra a morte.” (DGP, 1997, p. 67) O narrador, neste caso, compara-a a um pássaro que voa tranquilamente sem imaginar que um perigo iminente se aproxima. Este trecho também pode ser visto como uma pista para os leitores sobre o desfecho da trama.

No terceiro livro, destacamos o capítulo IV que mostra o desgosto de Secundino com seus negócios e por viver em um lugar tão pequeno. Olha com enfado para Cajazeiras. “A última seca e a penúltima, com intervalo de uns três lustros, haviam deixado no lugarejo um cunho de devastação íntima, como essas moléstias de que se fica ou morto ou aleijado.” (DGP, 1997, p. 96). Aqui há uma analogia entre seca e moléstia. A seca é vista pelo narrador como uma doença que atacou a região e que deixou marcas irreparáveis. Logo em seguida ele continua: “A casaria habitada e limpa agravava o contraste, era como vivos felizes ao pé de mortos atirados ao monturo.” (DGP, 1997, p. 96). Faz menção às casas habitadas como se fossem seres animados, entre cadáveres, “mortos atirados ao monturo”, que seriam as casas abandonadas.

Ainda no terceiro livro destacamos o fragmento “Mordia-a a saudade. Mas é um engano querer-se que sejam veementes, vulcânicos, assoberbantes, certos sentimentos. As afeições verdadeiras, legítimas, tem por cunho a brandura, um certo estado crônico; são como uma doença que se sofre em um órgão essencial à vida, [...]” (DGP, 1997, p. 99) Mais uma vez o narrador compara algo a doença, neste caso os sentimentos verdadeiros, o amor de Lalinha por Secundino. E logo depois, faz uma comparação entre afeição e tumores, “A afeição é como tumores que só doem quando se magoam.” (DGP, 1997, p.99), ao dizer que os sentimentos mais intensos são sutis.

Lalinha sofria calada ao ver Secundino sair da casa que alugara para fixar-se em uma fazenda. O narrador associa este mesmo sentimento, de Lalinha por Secundino, a um objeto perigoso “A menina vadiava com este sentimento como a criança com um punhal.” (DGP, 1997, p.100). Lalinha é comparada a uma criança e o amor que sente, a um punhal. O narrador instiga o leitor a seguir adiante na leitura dando pistas de que algo trágico acontecerá posteriormente no romance.

O terceiro capítulo do livro quarto aborda a tentativa de suicídio de Quinquim após descobrir que Guidinha está apaixonada por Secundino. No entanto, foge do lugar aonde foi com sua arma, depois de assustar-se com um vulto que surge em sua frente. Não se sabe se é realmente um fantasma ou simples fruto da imaginação de Quinquim. “Na beira do poço, que se percebia de longe pelo reflexo, pairava um vulto branco, e gemia, como um galho de árvore roçando em outro.” (DGP, 1997, 130). O som emitido pela aparição é associado ao ruído áspero de um galho de árvore. Quinquim dispara contra o vulto e em seguida foge do local.

Observemos neste capítulo também um diálogo entre Guidinha e Eulália, em que aquela tenta mais uma vez persuadir a amiga a esquecer Secundino. Para isso, valendo-se de mentiras e difamações. “Até me admira que uma menina como você perca o seu tempo com...com semelhante vasilha!” (DGP, 1997, p. 132). Compara Secundino a uma vasilha, ou seja, a algo sem valor, imprestável.

Voltemos nossas atenções agora para o sétimo capítulo do livro quinto, último a ser analisado na obra **Dona Guidinha do Poço**. Aqui acontece o desfecho trágico da história, o assassinato do Major Quinquim a mando de Guida.

“Os periquitos, ao amanhecer, buscavam o verde persistente do rio, e no dia inteiro eram como uma infinidade de maracás a agitar-se por toda parte.” (DGP, 1997, p. 175). O barulho dos pássaros faz com que o narrador os compare a maracás, que segundo o dicionário Michaelis (2011) é um “Chocalho que serve de brinquedo às crianças. Cabaça seca e interiormente limpa, em que os indígenas metem pedras ou frutos e agitam nas festas, na feitiçaria e na guerra”.

Ao longo de todo o romance o autor faz diversas comparações utilizando a natureza, as riquezas da fauna e flora da caatinga, e de forma perspicaz liga o ambiente, as paisagens, ao interior dos personagens, como um reflexo. Tristeza, alegria, raiva e outros sentimentos dos moradores de Cajazeiras são expostos também através do ambiente, do clima, ou seja, de fatores naturais. “[...] o meio social agora é parte estrutural e se molda à medida que a personagem também se vai construindo.” (BEZERRA, 2006, p. 21).

Observemos mais três exemplos de símile extraídos do romance. “O arrulho gigantesco não tardou em se denunciar, semelhante ao barulho do mar ao longe.” (DGP, 1997 p. 176). O canto das pombas é comparado às ondas do mar, durante o passeio de Eulália. “Água da chuva depositada na folhagem não havia, para livrar; mesmo porque frondes já não existiam, a bem dizer, se não na mata, derradeira verdura do ano, lá no olho dos galhos, a parecer sombra de nuvem”. (DGP, 1997, 177). Neste trecho o narrador aborda o fim do período chuvoso e a volta do tempo seco. O verde das plantas começa a sumir, dando lugar novamente ao marrom amarelado típico da caatinga. As últimas folhas verdes se encontram nos galhos mais altos das árvores, aqui há uma símile entre essas folhas e a sombra das nuvens. Por fim, destacamos as últimas frases do romance, após a prisão de Guidinha, “A Guida supunha o Secundino longe, longe, afastando-se daquela terra ingrata, como as pombas avoantes, do modo por que das grades da prisão, ela as via lá se irem, a fazer apenas uma trêmula manchazinha escura no céu alto...” (DGP, 1997, p. 186). Guidinha compara o sobrinho às pombas que aparecem voando no céu, as quais, ver através das grades da prisão.

Por um momento pensou que Secundino conseguira escapar, mas é informada de que este foi capturado e, assim como ela, está detido.

Além da símile no último trecho do livro, há também uma singela metáfora, quando Guida observa as pombas voando, indo embora, como seus sonhos não realizados. Este trecho final do romance, em que o autor faz a associação entre pombas voando para longe e sonhos perdidos, mostra mais uma vez a técnica de Paiva em usar animais em suas comparações, símiles e metáforas como elemento fundamental em seu texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo científico pretendeu fornecer informações sobre comparação, figura de linguagem bastante usada na literatura. Como objeto de análise, utilizamos o romance **Dona Guidinha do Poço**, do autor cearense Oliveira Paiva. De Início, abordamos brevemente o conceito de comparação e onde ela se diferencia da metáfora.

Em seguida, houve uma breve descrição dos personagens centrais do romance Margarida (Guida), Joaquim (Quinquim) e Secundino, responsáveis pelos principais acontecimentos. Posteriormente, separamos e analisamos trechos de cinco capítulos do livro, abordando as comparações feitas pelo autor no decorrer da história.

O estudo da símile na literatura, mais especificamente no romance **Dona Guidinha do Poço**, é importante não apenas como aprofundamento dos conhecimentos em literatura como também para um maior entendimento das estratégias de escrita utilizando figuras de linguagem em um texto literário. Esse recurso permite aos autores tornarem seus textos mais ricos e, conseqüentemente, mais atrativos. Sendo que há uma interligação entre os personagens e o ambiente onde vivem, isso possibilita que os leitores compreendam melhor as ideias expostas pelo autor no decorrer da trama.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Lexikon, 2011.

BEZERRA, Marta Célia Feitosa. **Dona guidinha: O Poço dos Desejos**. 2006. 115 f. Dissertação de Mestrado em Letras – UFB, Paraíba, 2006.

Dicionário Michaelis. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=taperu>> Acesso em 19 jan. 2016.

PAIVA, Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. Fortaleza. Verdes Mares, 1997.